

Uma receita de América Latina para comunicadores sociais

A meu ver, nada mais acertado do que através desta Revista alertar comunicadores sociais, sobre a América Latina e seus problemas sócio-político-culturais vistos como um todo ou por partes.

Não me digam que vôo muito alto. Sou dos que julgam os problemas de uma rua, de um quarteirão, de um bairro, de uma cidade ou de todo um país latino-americano como sendo problemas da América Latina e vice-versa. Pois os problemas da América Latina se refletem no dia-a-dia das minorias populacionais, do indivíduo enfim.

Foi pensando assim que escrevi esta "Receita" para comunicadores.

Fi-lo inspirado numa generalizada indiferença por parte dos responsáveis pelos meios de comunicação de massa. Comprova-a o pouco espaço gráfico dos grandes jornais diários reservado à divulgação de questões sócio-político-culturais da América Latina vista como um todo. Estou me referindo, evidentemente, a jornais brasileiros. Essa indiferença também fica demonstrada no curto espaço/tempo reservado para este fim pelo rádio e TV brasileiros.

Tal omissão é lastimável sob todos os aspectos, especialmente por partir da imprensa, foi muito apropriadamente (e é) considerada, como um "Quarto Poder".

São os meios de comunicação que devem iniciar com informações e notí-

cias os núcleos, centros e instituições humanas em geral, para o salutar debate. Se não, vejamos: os pais precisam de discutir os fatos; o professor precisa de debater os acontecimentos com os alunos; as comunidades necessitam de informações como matéria-prima para discussão entre seus membros e, assim, sucessivamente.

Então pergunto: se os meios de comunicação não oferecerem os "ingredientes", quem o fará? Quem levará aos grandes e pequenos centros de estudo as questões de interesses locais, regionais ou continentais, colaborando para a solução dos problemas que afligem as populações?

Foi preocupado com tudo isso, que redigi essa "Receita de América Latina para Comunicadores Sociais". Título longo, mas que ainda não corresponde à extensão dos problemas que pretendo relacionar. Faço-o como um latino-americano que se dirige especialmente a ir-mãos de desventura e "de estatura mediana", como diz a conhecida letra de música.

São muitas as formas de luta em favor de uma América Latina menos colônia dos ianques. Um grito, um panfleto, um tiro, uma notícia, tudo é válido.

Cuba iniciou e se deu bem. Pelo menos lançou a semente para o surgimento de novas (e melhores?) saídas. A Nicarágua, presidida por Daniel Orte-

ga, luta ferozmente pela libertação. Quer sair do jugo do Departamento de Estado norte-americano que continua a ameaçá-la com invasão. Aliás, não se poderia esperar outra atitude da Casa Branca que é chefiada por um "Rei do Gatilho".

El Salvador, por sua vez, luta com todas as forças vivas da nação com o mesmo objetivo: sair da dependência das esmolas oferecidas pelos EEUU em troca da secular submissão do povo salvadoreño aos interesses do Tio Sam.

O Brasil, a Argentina, o Uruguai e, mais recentemente, o Peru, despontam democraticamente em comparação com os regimes anteriores. O caldeirão está fervendo.

Mas pergunto: e a Imprensa como fica diante de tudo isso? Qual deve ser a postura do comunicador social perante estes fatos? O que publicar para justificar tanta movimentação em favor de mudanças sócio-político-culturais na América Latina? O que divulgar para acelerar os acontecimentos com a formação de uma consciência continental?

Aqui os "ingredientes"

Como se sabe, o Continente Americano (eu falei americano) reúne a América do Sul, a América Central e a América do Norte e compreende 34 países independentes. Três deles (México, Canadá e Estados Unidos) constituem a América do Norte. Os demais se distribuem pelas Américas Central e do Sul.

Desses 34 países que compõem o Continente Americano, 2 (o Canadá e os Estados Unidos), por falarem inglês, são chamados de anglo-saxônicos, logo não são latinos. Os 32 restantes, por falarem português ou castelhano, são conhecidos como latino-americanos. Assim, o México, mesmo se localizando na América do Norte, é um país latino-americano.

A esta "receita" interessam particularmente 24 países latino-americanos dos 32 assim chamados genericamente.

Eis os que constituem os "ingredientes" com suas respectivas capitais:

Guatemala, Guatemala; Honduras, Tegucigalpa; El Salvador, San Salvador; Nicarágua, Manágua; Panamá, Panamá; Belize, Belmopán; Haiti, Porto Príncipe; República Dominicana, São Domingos; Bahamas, Nassau; Cuba, Havana; Porto Rico,⁴ San Juan; Bolívia, La Paz; Paraguai, Assunção; Brasil, Brasília; Suriname, Paramaribo; Argentina, Buenos Aires; Uruguai, Montevideu; Chile, Santiago; México, México; Costa Rica, San José; Venezuela, Caracas; Colômbia, Bogotá; Equador, Quito; e Peru, Lima.

Alguns "condimentos"

A população latino-americana está chegando aos 400 milhões. Desse total, 140 milhões são de pessoas carentes e 50 milhões de desempregados ou de subempregados;

— Todos os países da América Latina pertencem ao 3º Mundo, classificação imposta pelos ditos desenvolvidos;

— A América Latina está devendo cerca de 360 bilhões de dólares;

— A renda de um cidadão latino-americano é 7 vezes menor que a renda de um norte-americano, por exemplo;

— Nesta parte do Continente Americano, a cada minuto morre uma criança de fome ou de doença;

— "Eu, que recebi um prêmio internacional da Paz, penso que, infelizmente, não há outra solução que a violência para a América Latina". (Josué de Castro);

— Nas universidades latino-americanas, infelizmente, ainda é comum serem anunciados professores com curso PhD. O anúncio é feito com pompas pelo status que dizem representar para as instituições que acolhem esses terceiro-mundistas ou mesmo ianques que tenham o famigerado curso. Curso que, ao que parece, ensina mais como se conformar com a condição de colonizado;

— Entre 1983 e 1984, a América Latina, como um todo, perdeu só em juros e outros lucros que lhe foram subtraídos pelos países ricos, cerca de 56

bilhões de dólares, e continua perdendo anualmente, mais **de 40 bilhões de dólares** pelos mesmos motivos;

— Contando um dólar por segundo, uma **pessoa** levaria **11.574 anos** para contar a dívida da América Latina. Cálculo feito por Fidel Castro;

— O Produto Interno Bruto da América Latina fica em torno de **2.100 dólares**, enquanto nos países desenvolvidos vai além dos **10 mil**;

— Há países na América Latina, no qual a expectativa de vida não vai além dos **50 anos**, enquanto em países desenvolvidos de outros continentes, essa expectativa vai além dos **70 anos**.

— El Salvador quer se libertar de tudo isso, mas o presidente José Napoleón Duarte já mandou matar mais de **55 mil salvadoreños**, em nome da lei e da ordem! Lá, o desemprego atinge **80%** da população ativa;

— Ainda em El Salvador, as forças repressoras mataram, recentemente, mais de **300 professores** que queriam ensinar quase de graça com a intenção de acabar com o analfabetismo;

— E mais: naquele país irmão, as forças da ditadura de Napoleón Duarte continuam massacrando a população que exige liberdade. Para continuar o massacre, o exército recebeu, nos últimos 5 anos, mais de **5 milhões de dólares** do governo dos Estados Unidos da América do Norte. Que ajuda do Tio Sam, não?

— Na Nicarágua, a derrubada do indesejável Anastácio Somoza, que era filiado à Casa Branca, custou a vida de mais de **50 mil patriotas**. O ditador fugiu e deixou uma população com **50%** de analfabetos. Daniel Ortega assumiu e já reduziu essa porcentagem para **12%** com a colaboração de **80 mil jovens voluntários**. Eis o lema: "Punho cerrado e livro aberto". Mas o Tio Sam quer a queda de Ortega. Para isso, está corrompendo facções do exército da Nicarágua, às quais já entregou mais **100 milhões de dólares** bem recentemente e prometeu mais: **12 mil nicaraguenses já morreram**

em defesa do sandinismo que está no poder;

— A Nicarágua continua devendo **6 bilhões de dólares**, o que é uma dívida respeitável se considerarmos seu número de habitantes.

E mais "tempero"

— A Bolívia deve **4 bilhões e 200 milhões de dólares**;

— O Equador deve **7 bilhões de dólares**. E mais, sempre em dólares: o Brasil, deve **100 bilhões**; o México, **96 bilhões**; o Chile, **19 bilhões**; a Colômbia, **11 bilhões**; Costa Rica, **4 bilhões**; Panamá, **3½ bilhões**; Uruguai, **4 bilhões e 700 milhões**; Venezuela, **35 bilhões**; Argentina, **50 bilhões**. Transforme-se tudo isso na moeda de cada um dos respectivos países e veja-se a situação catastrófica de todos esses irmãos colonizados. Até Cuba deve **3 bilhões e 200 milhões**.

— No dia 3 de agosto deste ano, em Havana, a delegação brasileira que participou dos debates sobre a dívida externa da América Latina, a convite de Fidel Castro, assinou um documento em que ficou registrado: "... ela, (a dívida), significa a alienação da soberania nacional..."

— No Brasil, em 1979, gastou-se a importância de **1 bilhão e 600 milhões de dólares** importando pesticida. E em 1983, de **80 a 100%** dos alimentos para a população estavam contaminados;

— No Brasil, ainda, no período compreendido entre 1964 e 1979, as forças repressoras da ditadura e naturalmente obedientes ao governo dos Estados Unidos da América do Norte, foram identificados mais de **350 torturadores** empregando **283 métodos de tortura**, evidentemente em nome da lei e da ordem. Aí está o livro "Brasil nunca mais" para quem quiser ler.

— E mais: nesta terra que já foi de Santa Cruz, **85%** das terras rurais estão nas mãos dos grandes latifundiários;

— No Uruguai, uma criança já nasce devendo **2 mil dólares**. Lá, depois de

uma ditadura e muita tortura (olha a rima) que durou mais de 11 anos, o povo exigiu eleição e elegeu recentemente a Júlio Sanguinetti. Sanguinetti já assumiu o poder e fez imediatamente os militares voltarem aos quartéis, e está buscando soluções para os problemas que são muitos.

— Quarenta e três por cento do que rendem as exportações brasileiras são gastos só com pagamento de juros da nossa dívida externa. 43% !

— No Haiti, 75% da população continuam analfabetos;

— O Peru, em 156 anos de história, sofreu 60 golpes militares (quarteladas). Lá, hoje, 1% da população recebe 30% da renda nacional; 75% recebem 5% dessa mesma renda, o que leva à grande miséria em que vive a maior parte da população. É a riqueza do país nas mãos de poucos. E o pior: esses poucos dispõem das forças armadas para manterem a "ordem";

— Ainda no Peru, país andino: um dólar custa 9 mil soles unidade monetária do país. 9 mil ! E mais: 60% da população vivem desempregados ou em subemprego. Nos últimos 3 anos, mais de 100 mil trabalhadores perderam o emprego e 80% das indústrias perderam seu patrimônio. Em julho deste ano, foi eleito Alan Garcia que já assumiu o poder e já está brigando com o FMI. Estabeleceu que pagará a dívida empregando apenas 10% do que renderem as exportações. A briga está feita.

— Na Bolívia, um hamburger está custando quase um milhão de pesos. Trata-se de um dos países mais pobres da América Latina, com um Produto Interno Bruto de apenas 5 bilhões de dólares, com uma inflação de 34 mil (34000% !) por cento e uma população de 6 milhões de habitantes dos quais 600 mil em extrema pobreza. E lembre-se: dois de seus presidentes estiveram envolvidos com tráfico de cocaína.

— Ainda na Bolívia: em um período histórico de 159 anos, mais de 190 presidentes já assumiram o poder por

eleição ou por golpes militares. Aliás, trata-se do país latino-americano campeão em quarteladas. E o pior: lá, de cada 1000 crianças que nascem, 300 morrem antes de completarem 2 anos de vida.

Agora algumas "pimentas" completam esta "receita"

— No Brasil, durante a ditadura derrubada recentemente, as forças repressoras obedientes aos Delfins, Abi-Ackel etc, assassinaram mais de 260 brasileiros que discordavam do regime.

— Na Argentina, durante os governos militares que foram recentemente derrubados pelo povo com a eleição de Raúl Alfonsín, houve mais de 30 mil "desaparecimentos" de pessoas que discordavam dos ditadores que eram evidentemente muito bem vistos pelos Estados Unidos. Entre os "desaparecidos" encontram-se 6 mil mulheres. Uma das que conseguiu escapar foi Margarita Monteiro, mesmo assim depois de estrupada. Tudo, naturalmente, em nome da lei.

— Só durante os dois últimos anos do governo que antecedeu o de Alan Garcia, no Peru, apenas na Província de Ayacucho, as forças da repressão massacraram mais de 2 mil pessoas que protestavam contra a miséria;

— No México, segundo a Anistia Internacional, nos últimos 10 anos, pelo menos 500 pessoas foram dadas como "desaparecidas" por questões políticas;

— Na Guatemala, de 19 de janeiro a 31 de dezembro de 1981, mais de 600 pessoas foram assassinadas pela polícia, por terem idéias contrárias à ordem vigente. Dentre os mortos encontram-se 33 professores e 36 estudantes. Lá, 26% das terras cultiváveis do país encontram-se nas mãos de apenas 1% da população. O governo atual de Romeo de Lucas, acusou recentemente o Clero de ser culpado pela existência de tanta organização em protestos contra o governo. Já foram assassinados 15 missionários e o último foi o padre James Miller;

— No Chile, sob a ditadura do nazifascista Pinochet, atual, e que vem des-

de 1973, só durante o ano de 1983, mais de 800 empresas foram à falência e, hoje, o desemprego oscila entre 25 e 30% da força de trabalho. Lá, três quintos do espaço cultivado do país estão nas mãos de apenas 800 proprietários. E o pior: Pinochet "inventou" uma constituição que atribui aos militares poderes para designar o sucessor do ditador. E mais: o sucessor deverá ficar no poder durante 10 anos.

— Este é para concluir a presente "receita": em agosto deste ano, as forças repressoras do governo do Chile, prenderam e estruparam a estudante de Biologia, Paz Macaya, que prometia fazer

denúncias ao sair de um seminário sobre violência.

Sem maiores comentários, encerro minha "receita" de América Latina. Não me foi fácil reunir todos esses "ingredientes", mas o consegui e conseguiria muito mais se continuasse em minha pesquisa. Porém julguei suficiente o que trouxe e deixo aqui meus agradecimentos antecipados a todos os colegas comunicadores sociais que lerem e/ou divulgarem o presente relato.

José Cordeiro Misseno
(Professor do IAC/PUCCAMP
e da OSEC-SP)